

ANDRÉ GORZ

Carta a D.

História de um amor

TRADUÇÃO

Celso Azzan Jr.



Copyright © 2006 by Éditions Galilée

Cet ouvrage a bénéficié du soutien des Programmes d'aide à la publication de l'Institut français.

Este livro contou com o auxílio do programa de apoio à publicação do Instituto Francês.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Lettre à D.: Histoire d'un amour

Projeto gráfico e capa

Violaine Cadinot

Foto de capa

Dorine e André Gorz, 1954. Fundo André Gorz/ IMEC

Revisão

Thaís Totino Richter

Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação [CIP]
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gorz, André, 1923-2007

Carta a D.: História de um amor / André Gorz ; tradução Celso Azzan Jr.. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Título original: Lettre à D.: Histoire d'un amour.

ISBN 978-85-359-3097-9

1. Amor na literatura 2. Cartas de amor 3. Filósofos — França — Biografia 4. Gorz, André, 1923-2007 5. Jornalistas — França — Biografia 6. Judeus austríacos — França — Biografia 7. Pessoas casadas — França — Biografia 1. Título.

18-13628

CDD-840

Índice para catálogo sistemático:

1. Correspondência amorosa : Literatura francesa 840

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

CARTA A D., 7

Sobre o autor, 103

VOCE ESTÁ PARA FAZER oitenta e dois anos. Encolheu seis centímetros, não pesa mais do que quarenta e cinco quilos e continua bela, graciosa e desejável. Já faz cinquenta e oito anos que vivemos juntos, e eu amo você mais do que nunca. De novo, carrego no fundo do meu peito um vazio devorador que somente o calor do seu corpo contra o meu é capaz de preencher.

Eu só preciso lhe dizer de novo essas coisas simples antes de abordar questões que, não faz muito tempo, têm me atormentado. Por que você está tão pouco presente no que escrevi, se a nossa união é o que existe de mais

importante na minha vida? Por que, em *Le Traître*, passei uma falsa imagem de você, que a desfigura? Esse livro deveria mostrar que a minha relação com você foi a reviravolta decisiva que me permitiu desejar viver. Por que, então, deixar de fora essa maravilhosa história de amor que nós tínhamos começado a viver sete anos antes? Por que eu não disse o que me fascinou em você? Por que eu a apresentei como uma coitadinha, “que não conhecia ninguém, não falava uma palavra de francês e que sem mim teria se destruído”, se você tinha o seu círculo de amigos, fazia parte de um grupo de teatro de Lausanne e era esperada na Inglaterra por um homem determinado a se casar com você?

Na verdade, não explorei em profundidade aquilo a que me propunha ao escrever *Le Traître*. Para mim, ainda restam muitas questões a serem compreendidas e esclarecidas. Preciso reconstituir a história do nosso

amor para apreender todo o seu significado. Ela foi o que permitiu que nos tornássemos o que somos; um pelo outro, um para o outro. Eu lhe escrevo para entender o que vivi, o que vivemos juntos.

NOSSA HISTÓRIA COMEÇOU maravilhosamente, quase um amor à primeira vista. No dia em que nos encontramos, você estava acompanhada de três homens que pretendiam jogar pôquer com você. Você tinha cabelos *auburn* abundantes, a pele nacarada e a voz aguda das inglesas. Tinha acabado de chegar da Inglaterra, e cada um dos três homens tentava, num inglês sofrível, captar a sua atenção. Você se mantinha soberana, intraduzivelmente *witty*,^{*} bela feito um sonho. Quando nossos olhares se cruzaram, eu pen-

* Auburn: "ruivo-acastanhados"; witty: "espirituosa". (N. T.)

sei: "Não tenho chance nenhuma com ela". E logo soube que o nosso anfitrião já a havia prevenido: "*He is an Austrian Jew. Totally devoid of interest*".*

Um mês depois cruzei com você na rua, fascinado por seus passos de dançarina. Depois, numa noite, por acaso, eu a vi de longe, saindo do trabalho e descendo a rua. Corri para alcançá-la. Você andava rápido. Tinha nevado. O chuvisco fazia cachos nos seus cabelos. Sem pôr muita fé, eu a convidei para dançar. Você simplesmente disse sim, *why not*. Era 23 de outubro de 1947.

Meu inglês era desajeitado, mas passável. Tinha se enriquecido graças a dois romances americanos que eu acabara de traduzir para a editora Marguerat. Durante essa nossa primeira saída, percebi que você havia lido

* "Ele é um judeu austríaco. Inteiramente desprovido de interesse." (N. T.)

muito, antes e depois da guerra: Virginia Woolf, George Eliot, Tolstói, Platão...

Falamos de política britânica, das diferentes correntes dentro do Partido Trabalhista. De imediato, você já sabia distinguir entre o que é acessório e o que é essencial. Diante de um problema complexo, a decisão a tomar sempre lhe parecia óbvia. Você tinha uma confiança inabalável na justeza dos seus julgamentos. De onde você tirava essa segurança? E, no entanto, você também teve pais separados; deixou-os cedo, um depois do outro; nos últimos anos da guerra, morou sozinha com Tabby, o seu gato, e dividia com ele a sua comida racionada. E, por fim, saiu do seu país para explorar outros mundos. Em que poderia lhe interessar um *Austrian Jew* sem um tostão?

Eu não entendia. Não sabia que ligações invisíveis se teciam entre nós. Você não gostava de falar do seu passado. Pouco a pouco, com-

preendi que experiência fundadora nos tornou subitamente próximos um do outro.

Nos encontramos de novo. Fomos dançar mais uma vez. Vimos juntos *Le Diable au corps*, com Gérard Philipe. Há no filme uma sequência em que a heroína pede ao sommelier para trocar uma garrafa de vinho já aberta e bem consumida porque, segundo ela, dava para sentir o gosto da rolha. Tentamos reeditar essa manobra numa boate, e o sommelier, depois de verificar, contestou o diagnóstico. Diante de nossa insistência, ele nos mandou às favas, com muita determinação: “Nunca mais ponham os pés aqui!”. Fiquei espantado com o seu sangue-frio e a sua sem-cerimônia. Pensei comigo mesmo: “Fomos feitos para nos entendermos”.

Depois da terceira ou quarta saída, eu afinal beijei você.

NÃO TÍNHAMOS PRESSA. Eu despi o seu corpo com cautela. Descobri, miraculosa coincidência do real com o imaginário, a *Vênus de Milo* tornada carne. O brilho nacarado do pescoço iluminava o seu rosto. Mudo, contelei longamente esse milagre de vigor e de doçura. Compreendi com você que o prazer não é algo que se tome ou que se dê. Ele é um jeito de dar-se e de pedir ao outro a doação de si. Nós nos doamos inteiramente um ao outro.

Durante as semanas que se seguiram, nos reencontramos quase todas as noites. Você dividiu comigo o velho sofazinho afundado que me servia de cama. Ele tinha apenas sessenta centímetros de largura, e nós dormíamos apertados, um contra o outro. Além do sofazinho, meu quarto só tinha uma estante de livros feita de tábuas e tijolos, uma mesa enorme, atulhada de papéis, uma cadeira e um fogareiro. Você não se espantava com o